

AS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE LINGUÍSTICA PARA O DESVELAR DA CRUELDADE EM “A CAUSA SECRETA”

Adriana Delmira Mendes Polato (UNESPAR/FECILCAM), apolato@gmail.com

RESUMO: “A Causa Secreta” é um intrigante conto machadiano, publicado em 1885 no jornal *Gazeta de Notícias*, vindo, posteriormente, em 1895, integrar a coletânea *Várias histórias*, cuja temática discute a tendência de se entregar à manipulação das emoções via certas perversões humanas. Nesse sentido, as personagens e, por vezes, o próprio narrador são sujeitos e objetos dessas perversões. O presente trabalho, portanto, intenciona analisar, por meio das contribuições da análise linguística, como o narrador machadiano realiza peripécias enunciativas para desvelar a crueldade humana, temática central do conto. Para tanto, intencionamos concretizar uma possibilidade de leitura que se faz valer das contribuições da análise linguística, cujo objetivo centra-se no processo reflexivo sobre a movimentação de recursos linguístico-expressivos e discursivos, lexicais e gramaticais concretizados em textos pertencentes a determinados gêneros. Amparam nossa análise, Bakhtin (2003), com suas contribuições sobre a polifonia e o dialogismo; Curvello (1982), e autores da Linguística Aplicada, como Perfeito (2005), Antunes (2003), que teorizam sobre a análise linguística.

PALAVRAS-CHAVE: *Análise linguística; Narrador machadiano; Crueldade.*

INTRODUÇÃO

As reflexões voltadas para o ensino e para a aprendizagem de língua materna são inúmeras. Como efeito disso, temos estudos nas áreas da linguagem e do ensino de línguas, buscando contribuir para que ocorram mudanças nas práticas escolares. Nesse sentido, tem-se refletido com propriedade sobre duas questões consideradas ainda não esgotadas nos campos teóricos e práticos: a) abordagem do texto literário em sala de aula, que ainda pode ser considerada problemática porque a leitura de obras cede lugar à historiografia recortada, o que não favorece o desvelar do sentido, nem à apreciação da arte; b) o texto literário é tomado como pretexto para análises gramaticais descontextualizadas, que priorizam normas e nomenclaturas.

Decorre desses dois problemas, um terceiro, que pretendemos discutir neste trabalho. Tanto do ponto de vista das pesquisas sobre a abordagem do texto literário, quanto do ponto de vista dos linguísticos aplicados, que discutem o tema ensino gramatical contextualizado ou análise linguística, pode haver um encontro desastroso quando um texto literário é tomado como pretexto para uma análise gramatical inadequada.

A possibilidade de encontrar um caminho mais apropriado para o tratamento dos dois objetos, vislumbrando uma prática docente que possa considerar a leitura como uma possível interface entre texto literário e a análise linguística, motivou a elaboração deste trabalho,

especialmente por considerarmos profícua a aplicação de certas teorias linguísticas para corroborar a leitura do texto literário quando ele é tomado como objeto de análise em situações de ensino e aprendizagem da língua.

Valer-se de contribuições dos estudos linguísticos para leitura do texto literário não necessariamente significa pender a diluir sua literalidade. Um produtivo trabalho pode se efetivar se concebermos, enquanto professores, que a natureza do texto literário não é a natureza do não literário. Em todos os textos, existe uma riqueza que sentidos produzidos a partir dos recursos que a língua oferece. No literário, no entanto, há arranjos especiais que podem estar a serviço da composição de um mosaico de sentimentos e sensações importantes e ligadas à subjetividade inerente à arte.

Então, poderia parecer incongruente intencionar concretizar uma possibilidade de leitura que se faz valer das contribuições da análise linguística, cujo objetivo centra-se no processo reflexivo sobre a movimentação de recursos linguístico-expressivos e discursivos, lexicais e gramaticais concretizados em textos pertencentes a determinados gêneros, para a leitura de um conto machadiano? A nosso ver, não, pois a abordagem que sugerimos não é aquela que se perde em servir de pretexto para questões gramaticais descontextualizadas e que não servem a desvendar o sentido, como ocorre comumente em aplicações concretizadas nas propostas de livros didáticos. Nossa intenção de trabalho não se inclina para o hedonismo inconsequente, no qual a leitura vale por si ou pela quantidade, sem orientação, tampouco para “os modos escolares de ler literatura”, (Paulino, 2010, p. 161), que “nada têm a ver com a experiência artística, mas com objetivos práticos, que passam da morfologia à ortografia sem qualquer mal-estar”. (IDEM, 2010, p. 161).

Buscamos uma possibilidade de ter a análise linguística como ferramenta capaz de ilustrar e desvelar como os recursos linguístico-expressivos e discursivos são mobilizados em um gênero, no caso, o conto machadiano *A causa secreta*. Conforme já explicitamos, a natureza do trabalho se efetiva a partir da consideração da importância do literário. Trata-se, portanto, não somente de chamar a atenção para o estilo do gênero, mas também para o estilo altero machadiano tão peculiar que nele se imprime.

O trabalho, portanto, estará dividido em três partes no que se referem às discussões teóricas que sustentam nossa análise. Na primeira delas, abordaremos a importância se considerar uma abordagem adequada para o texto literário em contexto escolar. Assim, vamos à nossa reflexão sobre o texto literário e à importância de sua utilização em situações

de ensino e aprendizagem. Na segunda, procuraremos trazer à luz o conceito de *análise linguística* que serve a subsidiar nosso trabalho e sobre suas relações com a teoria de gêneros, do modo como emerge em Bakhtin (2003). Numa terceira parte, valendo-nos das contribuições de estudiosos da literatura machadiana, da teoria literária, de conceitos da filosofia e da psicologia sobre a crueldade humana, procuraremos analisar o conto *A causa secreta*, coadunando essas teorias à *análise linguística* de certos aspectos, que ora se inclinam a observar um estilo próprio do gênero conto, ora se inclinam para o estilo machadiano, concretizado nas peripécias de seu peculiar narrador na condução e desenrolar do enredo e da “causa secreta”. Essas frentes de análise convergem à leitura de um mundo de sentidos concretizados nessa obra, e, assim sendo, corrobora uma leitura literária que serve ao conhecimento do humano e, conforme partilha Cândido (2006), capaz de humanizar.

1. A leitura de literatura na escola

Todorov, em *A literatura em perigo*, problematiza e lamenta o fato de o ensino de literatura ter se perdido em métodos e aplicações de teorias em lugar da leitura das obras. Para ele, a análise das obras literárias na escola deveria “nos fazer ter acesso ao sentido dessas obras – pois postulamos que esse sentido, por sua vez, nos conduz ao conhecimento do humano, o qual importa a todos”. (TODOROV, 2010, p. 89).

O autor, ainda, assume uma postura flexível quanto ao que chama de “métodos” capazes de auxiliar na atividade de desvendar o sentido. No entanto, é categórico quando defende uma finalidade na aplicação, de forma que para ele “todos os métodos são bons, desde que continuem a ser meios, em vez de se tornarem fins em si mesmos”. (IDEM, 2010, p. 90).

Todorov exemplifica a possibilidade de aplicação de métodos listando como exemplos aqueles que seriam os mais usados pela crítica literária. Não desprezando a possibilidade de utilização de nenhum deles, cita as várias correntes teórico-críticas, que vão do formalismo russo aos estudos culturais, passando pelo *new criticism*, estruturalismo, hermenêutica, semiótica, estética da recepção, crítica de gênero, pós-estruturalismo, e outras teorias mais que podem constituir a formação do professor de Letras e, que, por conseguinte, estariam disponíveis a amparar professores e alunos no trabalho com o texto literário em ambiente escolar.

Para o autor ainda, não lemos para nos tornar especialistas em teoria literária, mas para aprender mais sobre a existência humana. Quando lemos, nos tornamos antes de qualquer coisa especialistas em vida. Adquirimos uma riqueza que não está apenas no acesso às idéias, mas também no conhecimento do ser humano em toda a sua diversidade.

Nesse sentido, o texto literário pode ser visto como representação de um modo particular de dar forma às experiências humanas porque não está limitado a critérios de observação de fatos, a categorias, a relações diretas como os modos e os padrões de ver a realidade. Ao contrário, o texto literário pode ser visto como representação de um modo particular de dar forma às experiências humanas. Portanto, a utilização de um texto literário nas aulas de linguagem deveria estar diretamente ligada à educação para a leitura. É justamente nesse sentido que a atividade de análise linguística pode ilustrar esse objetivo central, por se constituir como uma atividade de reflexão que permeia a prática leitura.

1 A análise linguística e sua relação com a teoria de gêneros

No campo da Linguística Aplicada, o nascimento do termo *análise linguística* é utilizado pela primeira vez no cenário nacional em *O texto na sala de aula* (1984), de Geraldi, quando o autor discute a emergência de se repensar os modos de ensinar a gramática a partir de uma visada textual e discursiva, ressaltando a importância de se formar leitores e produtores usuários competentes da língua. Nesse sentido, a metalinguagem cederia lugar à epilinguagem.

O próprio termo análise linguística nasce da necessidade de renovação dos modos de ver para que serve a gramática de uma língua e para que serve seu ensino. A opção por *análise linguística* em vez de ensino gramatical, ou ensino gramatical contextualizado, deixa para trás os ranços tradicionais seculares de que o estudo da linguagem seria o estudo da gramática de uma língua.

Ainda, no campo da Linguística Aplicada, o termo *análise linguística* ganha força quando a teoria de gêneros textuais/discursivos, especialmente, a bakhtiniana – discursivos - passa a ser foco de discussões científicas e é introduzida nos anos 90 e 2000, prescritivamente, nos documentos oficiais norteadores do ensino (Parâmetros Curriculares Nacionais e Diretrizes Estaduais de Ensino) como uma perspectiva importante, senão a única possível, ao ensino e aprendizagem de línguas.

A partir desses postulados, os gêneros passam a ser objetos ensináveis e os textos unidades de ensino, “constituindo-se como elementos integradores, sem artificialidade, das práticas de leitura, análise linguística e de produção/refacção textual” (PERFEITO, 2005, p. 54).

Mas o que são os gêneros? Para Bakhtin (2003, p. 261 - 262), todos os campos da comunicação se relacionam com a utilização da língua. “Cada campo de utilização da língua elabora

seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*". Os gêneros são constituídos por seu conteúdo temático, estilo e construção composicional, indissolúvelmente unidos para formar o enunciado que, por sua vez, reflete condições específicas e finalidades dos campos de onde emergem.

Em termos didáticos, portanto, o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa a partir da perspectiva dos gêneros do discurso ou da diversidade textual tem como premissa a adoção da concepção interacionista de linguagem, por ser o gênero uma concretização discursiva. Logo, se formar sujeitos leitores e produtores capazes de fazer uso competente da língua é o objetivo do ensino de língua, não seria possível ler ou produzir um texto que se concretiza em gênero, apreender esse enunciado em sua indissolubilidade, sem vivenciar ou compreender a função de sua composição, de seus temas e de seu estilo verbal. Nesse sentido, a *análise linguística* é necessária ao cumprimento desse objetivo porque é

sobretudo, o processo reflexivo (epilinguístico), em relação à movimentação de recursos lexicais e gramaticais e na construção composicional - concretizada em textos pertencentes a determinado(s) *gênero(s) discursivo(s)*, considerando seu suporte, meio/época de circulação e de interlocução (contexto de produção) - veiculados ao processo de leitura, de construção e de reescrita textuais (mediado pelo professor)". (PERFEITO, 2007, p. 829, grifos do autor)

A *análise linguística*, portanto, está intrinsecamente ligada ao trabalho de se debruçar sobre o estilo de um gênero ou sobre o estilo altero que nele se imprime, sempre, a partir das relações que esse gênero tem com o campo da atividade humana de onde emerge e com a vontade discursiva de um sujeito falante em dado contexto.

O próprio Bakhtin no ensaio *Os gêneros do discurso* empenha-se em explicar: "a gramática (e o léxico) se distingue substancialmente da estilística (alguns até chegam a colocá-la em oposição à estilística), mas ao mesmo tempo nenhum estudo de gramática (já nem falo de gramática normativa) pode dispensar observações e incursões da estilística" (BAKHTIN, 2003, p.269). E continua mais adiante a explicar que "a indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central do pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado" (IDEM, p.274, 2003, grifos do autor). A completar esse raciocínio assevera:

Todo enunciado – da réplica sucinta (monovocal) do diálogo cotidiano ao grande romance ou tratado científico – tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu anúncio, os enunciados de outros, depois de seu término, os enunciados responsivos de outros (ou ao menos uma compreensão ativamente responsiva silenciosa do outro, ou por último, uma ação responsiva nessa compreensão. (BAKHTIN, p. 275, 2003).

É justamente a partir desses postulados que compreendemos a possibilidade de nos valer das contribuições da *análise linguística* para realizar uma leitura do conto machadiano que possibilite ao leitor ter uma atitude responsiva. Portanto, embora possamos nos ater às nomeações como forma de meramente ilustrar a compreensão da gramática da língua, nosso objetivo centra-se na possibilidade de favorecer uma atitude mais responsiva daquele que lê, quando pode se valer do conhecimento que tem sobre a língua para melhor compreender o todo acabado do enunciado. Nesse sentido, a responsividade pode ser compreendida como a concretização de uma leitura que foi capaz de transformar, e no caso da leitura do texto literário, também de humanizar.

Nossa proposta de análise, portanto, pretende coadunar a concepção defendida por Todorov, de uma abordagem profícua do texto literário, que se inclina mais para sua leitura e para os possíveis sentidos a serem co-produzidos pelo leitor e a concepção de *análise linguística*, dos lingüistas aplicados, que vê na análise dos recursos linguísticos, expressivos, lexicais e gramaticiais concretizados em um determinado gênero do discurso, uma possibilidade de compreender a língua em seu funcionamento social.

2. As contribuições da análise linguística para a leitura do conto

“A Causa Secreta” é um intrigante conto que compõe a coletânea *Várias histórias*, sobre a qual afirma Curvello:

Representa o ápice do contista Machado de Assis, não apenas pelo domínio do gênero, como também pela unidade imprimida à coletânea. Por trás do tema comum da perversão universal, há um constante diálogo entre escritor e leitor. A atmosfera perversa do volume pressupõe profundo conhecimento da psicologia do leitor e discute a tendência de entregar-se à manipulação de suas emoções, como sujeito e objeto dessa perversão universal (CURVELLO, 1982, p. 461).

O narrador onisciente empenha-se em desvelar características psicológicas peculiares às personagens, em especial, a Fortunato, homem cuja natureza cruel encontra prazer na tortura alheia. O enredo desvela a estória deste homem, de sua esposa Maria Luísa e do amigo Garcia, todos envolvidos numa trama que não se pode caracterizar como sendo de amor, mas que ao estilo machadiano, envolve determinações de uma realidade social e, de certo modo, envolve o amor.

A partir de peripécias que visam despertar a curiosidade do leitor, e, portanto, não deixando de ser levemente cruel, o narrador desvela pouco a pouco a crueldade de Fortunato, que além arquitetar astúcias para causar o sofrimento, também sente prazer em observá-lo. Essa crueldade ferina é extensiva a pessoas e animais. As atitudes cruéis desse marido torturam indiretamente sua esposa, por quem Garcia nutre um amor platônico. Garcia, no entanto, inertemente apenas se compadece pelo sofrimento da amada, e, não deixando de ser cruel, pela aceitação passiva desta realidade que o envolve, deixa de tomar atitude que venha de encontro às ações de Fortunato. Enquanto isso,

definindo por dor moral, Maria Luisa adocece e morre e Fortunato, com prazer, desfruta de toda a ordem de sentimentos dolorosos que envolvem essa tragédia repleta de sofrimento.

O conto é iniciado numa tensão que conduz ao desfecho. Um momento crucial na vida das personagens é escolhido para dar início à narrativa, o que faz assemelhar-se à configuração estética de uma tragédia grega. O suspense é estabelecido por um *in media res*¹, que gera curiosidade no leitor.

É no primeiro parágrafo do conto que o narrador se encarrega de relatar com precisão fotográfica a tal cena crucial envolvendo a participação das três personagens. Nesse trecho, destacam-se os adjuntos adverbiais de modo e lugar, intercalados entre os sujeitos das ações e as formas verbais no pretérito imperfeito, que encerram as ações por eles praticadas, conforme se pode observar no excerto: “Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada” (ASSIS, 1982, p. 182).

Nesse trecho inicial, em que concretiza o *in media res*, insistentemente, o narrador tece inúmeras explicações, para dar riqueza de detalhes. O recurso linguístico recorrente, que serve a essa função, é a oração subordinada adjetiva explicativa: a) que estivera excelente; b) que adiante se explicará; c) que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia.

Há no conto três momentos cruciais que remetem aos jogos temporais enunciativos criados pelo narrador. O primeiro deles é a cena narrada pela técnica *in media res*. No final desse primeiro jogo, o narrador prepara o leitor para a mudança de tempo que promoverá, quando diz: “Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender, é preciso remontar à origem da situação” (ASSIS, 1982, p. 182). Posteriormente, concretiza a mudança no tempo cronológico interno da narrativa e retoma o passado para desenvolver o enredo protagonizado pelas personagens. Desse ponto em diante, atém-se, gradativamente, a revelar ao leitor a causa secreta, feia e grave que calara e inquietara as personagens na cena que relata no início do conto. O terceiro momento é irônico. O narrador dirige-se aos leitores para lembrá-los da cena que marca o início do conto, como se pode comprovar pelo excerto: “[...] foi sentar-se à janela com suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo da história. Hão de lembrar-se que, depois de terem falado de outras cousas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando o teto, o médico estalando as unhas”. (ASSIS, 1982, p. 186).

Por várias vezes, as orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio, servem a estabelecer uma relação bastante importante entre a personagem e o que se passa com ela num determinado tempo e espaço. De imediato ou posteriormente, essas cenas tão peculiares compõem o

¹ Técnica narrativa literária que consiste em relatar os acontecimentos da história, não pelo seu início (*ab ovo* ou *ab initio*), mas pelo momento crucial e pelo meio da ação, como forma de captivar a atenção do leitor.

enredo com riqueza. Dessa forma, podemos encontrar excertos em diferentes partes do conto em que essas orações servem a concretizar essas relações temporais e espaciais: a) “estando ainda na escola, encontrou-se com Fortunato; b) estando na cadeira, apareceu Fortunato; c) estando já formado e morando na rua de Mata-Cavalos; d) estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa; e) chegando à porta, estacou assombrado.

Para desvelar a causa secreta, o narrador inicia o enredo, propriamente, a partir do relato do primeiro encontro entre Garcia e Fortunato à porta da Santa casa. O narrador expõe, sob o olhar de Garcia, o singular interesse de Fortunato ao fitar os lances dolorosos que eram encenados. As escolhas lexicais e fraseológicas, daqui em diante, serão importantíssimas para desvelar da crueldade. O narrador é preciso ao desvendar a alma de Fortunato a partir da descrição de suas atitudes.

A cena que descreve a passagem de quando assistiam a um dramalhão cosido a facadas no teatro, é narrada com rica adjetivação, utilização de advérbios, verbos e locuções adverbiais, conforme se pode confirmar nesta passagem: “Fortunato ouviu-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro” (ASSIS, 1982, p.183).

A partir de então, o narrador dá pistas da crueldade de Fortunato. Intercalam-se locuções verbais e gerúndio para conduzir-se ao desfecho final. Ironicamente, esse recurso culmina no uso de uma oração adverbial final, conforme se pode ver no fragmento: “Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando”. (ASSIS, 1982, p. 183). Outras ações são narradas a partir dos mesmos recursos.

Garcia é descrito como aquele que dispunha da faculdade de decifrar os homens e tinha amor à análise. A vida dessa personagem novamente entrecruza-se com a de Fortunato quando este o encontra e o convida para um jantar em sua casa. Fortunato já estava casado e Garcia, agora médico já formado, achou sua senhora interessante. Garcia observou modos da mulher e percebeu que entre o casal havia uma incompatibilidade de personalidade. A moça, descrita como de olhos meigos e submissos, não combinava com o homem descrito como alguém de olhos quais chapas de estanho, duras e frias. A comparação metafórica feita a partir da relação entre os olhos e as chapas de estanho revela a frieza do olhar de Fortunato e a antítese desse olhar em relação ao de sua mulher. Nesse sentido, a escolha dos adjetivos atribuídos ao olhar de um e outro ajuda a compor o quadro de não afinidade moral entre ambos.

Garcia, mediante proposta de Fortunato, resolve montar uma casa de saúde. Aberta a casa, Fortunato passa a se dedicar como administrador e chefe dos enfermeiros e não se recusa a cuidar de nenhuma moléstia, dando preferência aos queimados por soda cáustica, os quais tinham os ferimentos mais profundos e dolorosos. A instalação da casa de saúde perturbava Maria Luisa, mas ela não ousava se opor à ideia do marido.

Os interesses em comum fizeram estreitar os laços de amizade entre Garcia e o casal, tornando familiar a convivência entre eles. Garcia jantava nos Fortunato quase todos os dias e ali observava a solidão, a insatisfação e o sofrimento de Maria Luísa. O marido por sua vez, dedicava-se à pseudo-anatomia e à fisiologia. Com um laboratório em casa, fazia experiências com animais, utilizando maneiras cruéis, o que torturava e perturbava profundamente a esposa. Um dia, ao chegar ao gabinete, Garcia encontrou Maria Luisa aflita, avisando-lhe de uma ação feita pelo marido, que envolvia um rato. Garcia ainda conseguiu observá-lo por alguns instantes quando Fortunato cortava as patas do animal.

A cada uma que cortava, sucessivamente descia o rato a um prato com espírito de vinho. O narrador relata a cena com tal riqueza de detalhes, que descreve até mesmo a posição dos dedos de Fortunato ao segurar o barbante ao qual estava preso o rato, deixando pistas ao leitor de que a personagem não queria apenas matar o animal, mas torturá-lo, sobretudo. O narrador descreve o estado de terror de Garcia ao presenciar a cena e qualifica o sorriso de Fortunato, como sendo um sorriso único, reflexo de uma alma satisfeita, vasta de prazer. A crueldade, finalmente foi revelada a partir da descrição de como ele cortava a última pata do rato, conforme podemos ler no fragmento: “Fortunato cortou-a muito devagar” (ASSIS, 1982, 186).

O uso da locução adverbial de modo “muito devagar”, desvela a crueldade da ação. Posteriormente, o narrador relata que após terminar o ato, o agressor deu uma desculpa, dizendo que o rato o fizera passar muita raiva por ter destruído um papel importante. Fortunato, ainda, dirige-se à mulher e vendo sua aflição, chama-a de fracalhona.

A utilização do rato para a tortura soa como simbologia profunda da tortura humana. O rato seria o símbolo da atitude de manipulação. Tal manipulação é exercida pelo manipulador de forma misteriosa e aparentemente imperceptível, pois ocorre dissimuladamente e sempre num primeiro momento pode ser interpretada como uma atitude normal. Fortunato, munido com recursos que sua posição social de capitalista lhe possibilitava, investe financeiramente para poder usufruir com requinte da dor dos auxiliados e, no caso dos animais, dos torturados.

A satisfação de Fortunato ao ver o sofrimento dos feridos, ao dissecar cães e gatos não pode ser provada, mas sim observada. O fato de dar bengaladas em cães, não era suficiente para ser considerado como agressor doente cruel. Cuidar de feridos poderia ser, socialmente, considerada uma atitude benéfica. O momento crucial onde a crueldade é revelada acontece quando a personagem tortura o rato, pois não havia como dizer que tal ato pudesse configurar uma experiência científica, ou coisa semelhante. A crueldade é finalmente revelada: Fortunato corta as patas do rato e o baixa nas chamas. O narrador expõe a cena e revela, por meio do olhar de Garcia, o prazer que Fortunato

obtinha com a dor e com o sofrimento do animal. A crueldade dele, agora sim, poderia ser considerada uma patologia, onde um sádico age cruel e premeditadamente por prazer.

Nesse sentido, vemos no conto, a crueldade funcionando como um meio de imposição e manutenção do poder de Fortunato e, embora essa crueldade possa despertar a indignação do leitor, ela é constitutiva dessa realidade criada. “A realidade é cruel – indigesta – a partir do momento em que a despojamos de tudo o que não é ela para considerá-la apenas em si mesma.” (ROSSET, 2002, p. 17).

No caso de Fortunato, a crueldade é patológica porque é movida por um impulso destrutivo, que opera dentro de sua personalidade, trazendo satisfação e prazer. Nesse sentido, ela funciona para a personagem, como forma de autopreservação. A frequência e o grau das manifestações descritas em várias cenas que configuram o enredo informam a gravidade e as consequências sociais dessa maneira tão peculiar e agressiva de manter uma satisfação pessoal.

É desvelando o pensamento da personagem Garcia, que o narrador define a personalidade de Fortunato, conforme se pode ler no excerto: “Castiga sem raiva, pensou o médico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem” (ASSIS, 1982, p.186).

O comportamento sórdido de Fortunato revela que ele sentia um prazer duplo ao torturar diretamente os animais e ao mesmo tempo, indiretamente a mulher, fazendo-a sentir-se agonizada diante dos maus tratos realizados nas experiências.

Momento interessante da narrativa ocorre justamente quando o narrador promove a retomada ao clímax inicial. Estão todos na sala, quietos, como descrito no primeiro parágrafo do conto. O leitor, já sabendo de toda a história, espera nesse momento uma atitude de Garcia, porém isso não acontece. Maria Luísa com dedos ainda trêmulos é, a partir de então, tomada por uma fraqueza que já tinha antecedentes e adocece progressivamente. O marido não poupa esforços e enquanto a doença mortal consome a mulher, dedica-se a velá-la numa espécie de atenção misturada com egoísmo cheio de sensações. Participa de toda a agonia da esposa, até o momento de sua morte.

Podemos constatar isso na voz do narrador:

Não a deixou mais, fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lhos pagou uma só lágrima, pública íntima”. (ASSIS, 1982, p. 186).

No desfecho do conto, o narrador machadiano frustra ainda mais o leitor. Ele muda o foco narrativo. Até então, contava os detalhes pelo olhar de Garcia, no entanto, termina a narrativa ao lado de Fortunato, que contempla e saboreia o sofrimento do amigo ao beijar o cadáver da mulher já morta.

Vendo a mulher morta, ele descobre o amor de Garcia por ela e apesar de desconfiar de que poderiam ser adúlteros, não sofre, porque conforme mesmo descreve o narrador: “não tinha ciúmes, note-se; a natureza de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento”(ASSIS, 1982, p. 187). A expressão “note-se”, chama diretamente a atenção do leitor para não ser comum ou normal o fato de ter tido uma atitude fria e tranquila diante da descoberta da possível traição.

Daqui em diante, o narrador passa a descrever a cena na qual Garcia demonstra seu sofrimento pela morte de Maria Luisa e se expressa com um choro intenso:

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pode mais. O beijo rebentou em soluços. E os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbulhões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara saboreou tranquilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa. (ASSIS, 1982, p. 187).

Na descrição do forte sofrimento de Garcia, utilizam-se escolhas lexicais e sintáticas interessantes, além de rica adjetivação e avaliação por meio de advérbios, conforme podemos observar nas seguintes expressões: “rebentou em soluços”, “os olhos não puderam conter” “borbulhões”, “amor calado”, “irremediável desespero”, “saboreou tranquilo”, “explosão de dor”, “muito longa”, “deliciosamente longa”.

O próprio narrador machadiano é cruel, quando constrói o enredo, deixando claro que conhece toda a história, mas faz questão de imprimir o suspense, fazendo o leitor agonizar-se junto com Garcia na busca da causa secreta. Também é descarado e comparsa do capitalista Fortunato. Com um toque discreto de crueldade, ele admite ser amor o sentimento de Fortunato por Maria Luisa, expondo a crueldade e as atitudes de manipulação do marido, apenas como um modo diferente de amar em relação aos conceitos sociais estabelecidos para o amor. Essa atitude comparsa do narrador pode ser observada no excerto em que narra e avalia o sentimento de Fortunato ao receber a notícia da morte da mulher: “Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la” (ASSIS, 1982, p. 187).

A causa secreta é a crueldade, chocante, inexplicável e misteriosa aos olhos de quem não a possui.

Garcia e Maria Luísa são aparentemente vítimas da crueldade. Garcia, no entanto, participa da história como observador. Apenas uma vez ela age convencendo Fortunato a parar de dissecar animais. Seria também, a observação inerte de Garcia uma forma de crueldade consigo e para com a mulher que amava? Ao tornar-se um analista obsessivo, Garcia desvenda o enigma de Fortunato e satisfaz seu desejo quase doentio de observar o outro sem fazer interferências.

É evidente a importância do sentido da visão na narrativa, que insistentemente é remetida no texto por meio de diferentes formas verbais: examinar, mirar, observar, desvendar, espiar, velar, olhar, fitar, assistir, entre outros.

O narrador enxerga tudo e suscita a partir da temática, uma reflexão sobre “ver além das aparências”. Talvez por isso, insista em retomar o sentido da visão, demonstrando a importância dele para se conhecer a contento o espírito humano.

O conteúdo do conto revela que a própria realidade é cruel. Garcia parece querer ter certeza quanto à verdade sobre o amigo para poder agir, mas quando tem não o faz. Garcia não agiu, mas se o tivesse feito, a história poderia ser outra, tanto para ele, quanto para Maria Luisa, quanto para o próprio Fortunato.

O desejo de ter certeza esbarrou na fragilidade da vida, onde a único fato certo, inevitável e imutável é a própria morte. A mesma fragilidade própria do espírito humano o impediu de agir. Essa foi a realidade cruel que enfrentou Garcia, porque buscou uma verdade e simplesmente ficou estagnado diante dela. Irrita o leitor, a passividade de Garcia. O fato é que da mesma forma que Fortunato era movido pela crueldade, Garcia era movido pelo desejo de observação. A crueldade implica ação e manipulação, enquanto que a observação apenas a estaticidade.

O fato mais cruel é que entre Garcia e Maria Luisa, duas pessoas aparentemente boas, havia outra cruel, Fortunato. Eles deixaram-se manipular por ele, como ratos sem defesa. Não eram ratos, mas comportavam-se como se fossem. Principalmente, Garcia, sempre observando, como os ratos fazem na busca do alimento. Espreitando e alimentando-se do que via para digerir as conclusões que obtinha. Os ratos estão resignados à manipulação, assim como os homens em muitas situações estão resignados a situações que fazem a realidade ser cruel.

Ao praticar atos de tortura, sentir prazer com a morte da esposa e o sofrimento do amigo, o capitalista Fortunato deixa claro que para ele não importa o objeto da tortura, mas sim, o prazer esta lhe proporciona. Fortunato age com ar de superioridade, como se nada pudesse tocá-lo, atingi-lo. Como detentor do poder, do capital, era o manipulador da situação. Seu nome Fortunato origina-se do latim *Fortunatus*, que significa consagrado a Fortuna, deusa romana da boa sorte e destino. Sua fortuna maior era o prazer de torturar, era a frieza de manipular e na trajetória que imprimiu à própria vida, nada ou ninguém pôde ou ousou impedi-lo de realizar o que queria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objeto de leitura, o texto literário não pode deixar de ser considerado como uma concretização artística. No entanto, não pode ser um invólucro no que se refere à possibilidade de ser lido com o auxílio de uma teoria ou a partir das contribuições dela.

A teoria que ampara a leitura literária não deve se sobressair à importância do objeto, que é a leitura do texto e o desvelar de seus mundos.

Os modos de ler o texto literário podem estar determinados por diferentes razões e até por diferentes teorias em detrimento da cultura histórica, acadêmica ou escolar do uso de teorias em sua leitura, ou do uso do próprio texto como pretexto a um trabalho que não é de leitura literária.

Buscamos, portanto, nesse trabalho construir uma possibilidade para o modo de ler a literatura na escola e coadunar a isso, reflexões sobre a língua e seu funcionamento discursivo. Obviamente, não pretendemos com tal sugestão de trabalho esgotar as muitas possibilidades de ler textos literários que se apresentam dentro e fora do ambiente escolar.

Desejamos, na verdade, de maneira simples, demonstrar que, embora uma teoria tenha sido utilizada para a análise da concretude linguística, não nos perdemos em saber o que estávamos lendo, quando fizemos a leitura de uma obra literária – o sentido – esse sentido que conduz ao conhecimento humano e, portanto, é capaz de humanizar.

Entender como a língua funciona na produção de sentidos, apenas ilustra a possibilidade de uma leitura mais vertical e, por vezes, mais interessante àquele que aprende língua e sobre língua e compreende a leitura literária não como uma técnica, mas como uma possibilidade de dialogar com o próprio texto de maneira responsiva, sendo solidário com os sentidos potencializados ou tendo o direito de refutá-los.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. *“A Causa Secreta”*. *Contos / uma antologia, vol.2 sel.int. e notas*. John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI et al. (Org.) *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982. (Col. Escritores brasileiros: antologia e estudos, 1).

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEZAR, Adelaide Caramuru. “O trágico enquanto marca do texto literário”. *Signum, estudos literários*. N.2 (out 1999): 139-153. Londrina: Ed. UEL, 1999.

COSSON, Rildo. Literatura: Modos de ler na escola. In: *Semana de Letras* (11. : 2011: Porto Alegre, RS) O cotidiano das letras : anais [recurso eletrônico] / 11. org. Jocelyne Bocchese ... [et al.], FALE/PUCRS ; coord. Vera Teixeira Aguiar. – Dados eletrônicos - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. Evento realizado na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul de 28 a 30 de setembro de 2011.

CURVELLO, Mario. “Polcas para um Fausto suburbano”. *Machado de Assis*. Org. Alfredo Bosi. Et al. Coleção Escritores brasileiros: Antologia & Estudos. São Paulo: Ática, 1982.

PERFEITO, Alba Maria. Concepções de linguagem e análise linguística: diagnóstico para proposta de intervenção. In: *CLAPFL – I Congresso latino americano de professores de línguas*. Florianópolis: Edusc, 2007. p. 824 – 836.

ROSSET, Clement. *O Princípio da Crueldade*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. A gramática na escola. In: *Um mundo de letras: práticas de leitura e escrita*. MEC. Boletim 03. 2007.

_____. *Gramática: Ensino Plural*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.